

Uma proposta de ensino de violão para alunos iniciantes

João Vital de Araújo Santos

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

jvasguitar@gmail.com

Resumo: Este artigo relata uma experiência de ensino de violão com a intenção de ser uma proposta diferenciada dos padrões tradicionais de ensino de música praticado em conservatórios, que geralmente costumam delimitar o conteúdo a um único gênero musical, com ênfase nas questões técnicas, sem levar em conta a diversidade de interesses que os aprendizes possuem. O que se pretende, com este trabalho, é realmente o oposto: evidenciar a importância de um fazer musical com prazer e para isso faz-se necessário à utilização de variados estilos considerando o gosto que cada aluno possui, sem a pretensão aqui, de averiguar questões sociais ou clarificar essas inclinações para determinadas categorias estilísticas de música. Parte-se da premissa de que um comprometimento maior do aluno com os estudos e um maior desempenho na aprendizagem se dá a partir de seus próprios interesses e gostos musicais. Este relato apresenta e analisa alguns fatores comprobatórios de ser esta uma prática que proporciona um resultado satisfatório.

Palavras chave: Ensino de violão, educação musical, música popular.

Introdução

O curso de Licenciatura em Música da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul) foi contemplado com O Projeto PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência. Este Programa oportuniza aos seus graduandos colocarem em prática conceitos e propostas teóricas aprendidas em sua formação, a partir da atuação em aulas da Disciplina de Arte em escolas públicas, nos períodos regulares e no contra turno, sendo que estas ainda não possuem em seus currículos a Área específica de Música. O principal foco, das aulas no contra turno, é o ensino de diversos instrumentos, dentre eles o violão. Este trabalho pretende relatar algumas experiências de um dos bolsistas, adquiridas através de aulas de violão realizadas na Escola Estadual Amando de Oliveira, localizada num determinado bairro da cidade de Campo Grande.

Um aluno que nunca teve contato com nenhum tipo de instrumento musical e participa de forma espontânea de um projeto como o PIBID, certamente cria uma expectativa que exige do professor uma prática de ensino, no mínimo, cativante, estimulante, motivadora e contextualizada, tendo em vista a obtenção de um aprendizado agradável e um resultado satisfatório tanto para o aluno quanto para o professor. “... podemos adotar uma postura de

‘parceria’ com o aluno, sugerindo e demonstrando junto a ele os detalhes do conhecimento aplicado, e não ‘arremessando-os’ do alto sobre a sua inexperiência”. (FOGAÇA, FILHO, 2008, p1).

Com base na etnografia de Margarete Arroyo que contrapõe as práticas musicais de uma festa popular com aquelas de um conservatório de música, observa-se que, a “educação musical deve ser muito mais do que aquisição de competência técnica; ela deve ser considerada como prática cultural que cria e recria significados que conferem sentido à realidade.” (ARROYO, 2000, p. 19).

Os conteúdos didáticos para o ensino de violão, em especial o erudito, deverão ser aplicados de maneira gradual, ou seja, à medida que o estudante vai progredindo novos exercícios, estudos¹ ou peças vão sendo acrescentados. O “Studio per la Chitarra” de Mauro Giuliani e o “Iniciação ao violão” de Henrique Pinto apresenta essa proposta. Esses métodos aplicados a um contexto de alunos que procuram uma formação erudita e/ou aperfeiçoamento técnico do instrumento possuem recursos consideráveis para melhoramento do desempenho. Contudo, na busca de uma valorização técnica, sem levar em conta o contexto sociocultural² dos alunos, culminam em uma prática repetitiva e entediante, sem significado para o aluno que não desfrute desses círculos de atividades. Tal afirmação é corroborada pela pesquisa de Cope e Smith:

Em primeiro lugar, o repertório clássico não é culturalmente relevante ou familiar para muitos alunos, e acreditamos que somente isto já seria responsável pela desistência do aluno no aprendizado do instrumento. De acordo com a nossa análise, um importante efeito dessa irrelevância é aumentar o nível de abstração ao qual o aluno é exposto. (COPE e SMITH, 1997, p.3)³

¹ Pequenas peças com o objetivo de desenvolvimento técnico.

² Contexto sociocultural, neste trabalho, refere-se ao universo de experiências, musicais e outras, que o aluno já traz para a sala de aula. Isto inclui o gosto musical, que é o foco deste artigo, além de outros aspectos, como práticas de audição e apreciação dentro do seu contexto familiar ou social mais próximo, relação do seu ambiente com barulhos, ou a sua “paisagem sonora”, contato com brincadeiras, movimento, e canções quando criança, entre outros.

³ Tradução nossa de: First of all, the classical repertoire is not one which many children would find culturally relevant or familiar and one might expect that this in itself would be responsible for turning many children away from learning an instrument. In terms of our analysis, a major effect of this irrelevance is to increase the level of abstraction with which the pupil is faced.

Contrário ao ensino descontextualizado está aquele que considera a necessidade de “Partir da experiência dos estudantes”... “... acolher o que lhes é familiar e, portanto, significativo” (ARROYO, 2000, p.17). Pensando nisto, uma observação das experiências que os estudantes possuem se faz necessária.

Partindo desse pressuposto, o professor necessita de uma análise do contexto sociocultural, averiguar as inclinações musicais desses novos aprendizes e investigar quais são as músicas que fazem parte do cotidiano deles. Contudo, a metodologia inicial deverá ser voltada para a aplicação de acordes básicos e um posterior repertório significativo, reconhecendo que “cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega às instituições educacionais” (SWANWICK, 2003, p. 66) mesmo que o aluno nunca tenha se envolvido com aulas de música.

Relato das aulas

As partes de um violão e os dedos utilizados para tocá-lo, são princípios básicos que alunos iniciantes precisam reconhecer previamente, sendo estes introduzidos nas primeiras aulas dadas aos alunos de 7 a 13 anos da Escola Estadual Amando de Oliveira, Localizada em Campo Grande - MS. Logo no início das aulas foi possível evidenciar algumas dificuldades: os alunos maiores demonstraram-se de certa forma entediados, dizendo que os exercícios “eram muito chatos”, e considerando a progressão das aulas muito lenta; com relação aos alunos menores, havia certa dificuldade de execução acarretada pelo tamanho do violão em relação ao aluno. Este fator se prolongou por um período razoável e a partir da terceira aula a turma foi dividida em três grupos com dias e horários diferentes.

Ainda na segunda aula foram introduzidos acordes básicos, sem o uso de pestanas, como o “lá” maior, “mi” maior, “ré” maior e um ritmo de valsa, que dispõe de batidas⁴ com execução de movimentos descendentes. Para contextualização desse conteúdo, escolhi a música “A casa” de Vinícius de Moraes, considerando ter uma execução de fácil entendimento e por ser conhecida no universo infantil. Nesse momento foi explicado o processo de leitura de cifras e disposição dos acordes nas letras das músicas. Durante os exercícios foi possível perceber que a maioria dos alunos demonstrou pouco interesse, limitando-se às práticas exigidas pelo professor.

⁴ Termo utilizado para representar ritmos de mão direita no violão.

Analisando esta aula percebeu-se uma proposta incoerente com a inicial do artigo de partir das inclinações musicais do educando. Contudo, é uma forma de averiguar a aceitação dos alunos perante uma música imposta, mesmo observando que esta, de certa forma, faz parte de um contexto que eles vivenciam. Neste sentido, é importante que o educador tenha abertura e flexibilidade para mudar de estratégia, como bem aponta Cruvinel:

Necessário se faz ressaltar que nenhuma metodologia poderá ser significativa e transformadora se o educador musical não tiver abertura e flexibilidade para enfrentar as dinâmicas de sala de aula “em movimento constante”. Ainda, o espaço de ensino-aprendizagem é mais amplo que a sala de aula e deve ter ressonância em todos os “espaços” na vida do educando. (CRUVINEL, 2008, p. 8)

Pensando nisso, na aula seguinte algo notável aconteceu, um dos alunos apresentou uma música que estava estudando, sendo esta escolhida por ele. A música foi “Que país é este” da banda Legião Urbana. O inesperado tornou-se motivação para outros alunos, os quais se identificando com a mesma, despertaram seus interesses para aprendê-la. A partir de então, mais dois acordes foram apresentados para a execução da referida canção: o “mi” menor e o “dó” maior.

Nas primeiras aulas, o ideal seria realizar um levantamento de dados a respeito das preferências de gêneros musicais de cada aluno, no sentido de desenvolver um trabalho partindo de seus interesses, mas optou-se por não realizar tal levantamento, naquele momento, tendo em vista a quantidade de alunos e a diversidade de gostos que possivelmente surgiriam, dificultando, nesse caso, a realização dessa proposta em grupos maiores de alunos. Quando se trata de um trabalho mais individualizado esse procedimento torna-se mais viável.

Sendo assim, a aula seguinte prosseguiu a partir da música “Que país é este”, com a qual os alunos já estavam familiarizados, para a canção “O Sol” do Jota Quest, de gênero musical semelhante à anterior, sendo esta sugerida por um dos alunos e também conhecida pela maioria deles. Ela utiliza quatro acordes, sendo estes o “lá” maior, “mi” maior, “ré” maior e o “sol” maior. Analisando a execução deles, apesar da dificuldade em trocar os acordes, a maioria insistia na atividade, com uma possível intenção de obter um resultado e partir para um novo passo. Nesta aula a turma já tinha se dividido em vários grupos, em horários diferentes, e neste grupo ficaram apenas crianças de 11 a 13 anos.

Nesse momento foi feito um levantamento sobre gêneros e canções que eles gostariam de aprender. Este trabalho foi feito de forma espontânea, à medida que eles perguntavam se o professor conhecia determinada canção o professor perguntava o que eles achavam da mesma.

Na última aula, a maior parte dos alunos já estava conseguindo executar as músicas que foram apresentadas anteriormente, alguns já estavam conseguindo cantar e tocar ao mesmo tempo trechos da música. Posteriormente, foram passados arranjos de introdução das duas canções. Alguns não se interessaram em aprender essas introduções porque achavam que não iriam conseguir executá-las. Ao término da aula os alunos, em seus celulares, mostravam ao professor canções que gostariam de aprender, ou cantavam algumas músicas que apreciavam, criando assim um novo repertório para próximas aulas.

Contexto Sociocultural

De acordo com as experiências relatadas, chegou a uma prévia conclusão que o contexto sociocultural em que os alunos estão inseridos e compartilham experiências de vida revela preferências musicais de gêneros apreciados pela grande massa populacional. São gêneros que surgem, em sua maioria, a partir de um conjunto de canções com intuito de atender um mercado lucrativo, pertencendo a um repertório veiculado nos meios de comunicação mais acessíveis como a TV e Rádio. São canções geralmente voltadas para gêneros como o sertanejo, o axé e o pagode. No entanto, a cultura popular, em constante transformação, é constituída por um repertório musical bem mais amplo e diversificado, excedendo os limites determinados pelas principais mídias existentes.

Assim, definimos que “A noção de canção popular massiva está ligada aos encontros entre a cultura popular e os artefatos midiáticos” (JANOTTI JR, 2006, p. 4). Dessa forma, não descartamos outros nichos de canções populares, como por exemplo, gospel, rock, funk, entre outros, porque estes são destaques em locais específicos e apresentam uma ampla participação em diferentes fontes de exposição em massa, como a internet.

Acredita-se que o ensino de música associado a esse contexto musical pode proporcionar aulas agradáveis aos educandos, criando assim uma relação significativa com práticas posteriores.

Considerações Finais

As relações que os alunos estabelecem com o instrumento estão associadas a suas expectativas diante de um resultado futuro, ou seja, o conhecimento prévio que eles dispõem das atividades musicais do seu círculo sociocultural influenciam na perspectiva futura do aprendizado.

Para abrir caminho para um aprendizado mais técnico, o estudante precisa se identificar de alguma maneira com as práticas instrumentais. À medida que ele vai criando uma afinidade com o instrumento e com essas práticas, verifica-se um maior desempenho e comprometimento com seu estudo, independente do desafio.

O método tradicional, com muitas aulas com exercícios para aperfeiçoamento técnico, desestimulariam esses estudantes que não enxergam nenhum significado musical nesta prática. Isto foi comprovado na experiência relatada neste trabalho, onde, na primeira aula, na qual os exercícios preliminares apresentavam uma característica voltada para a técnica, foi possível observar que alguns alunos não praticavam as atividades, a não ser que isto fosse exigido de forma obrigatória. Com o desenvolvimento das aulas, e com repertórios que tinham um significado para eles, esses mesmos alunos passaram a praticar os exercícios por conta própria.

Todo instrumento requer de paciência e prática diária. Neste trabalho foi possível verificar que alunos que se identificaram com as atividades tiveram um rendimento maior, e que possivelmente esses estudos se expandiram para além da sala de aula.

Com a inclusão das canções que configuram as inclinações musicais desses estudantes, criamos o primeiro contato com o instrumento, formando assim uma ligação entre eles. Posteriormente, à medida que houver necessidade e consentimento do aluno, é possível adicionar conceitos mais técnicos, podendo também incluir métodos ou propostas tradicionais do ensino de violão, como os citados anteriormente nesse relato.

Referências

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre as práticas de ensino e aprendizagem musical. *Revista da Abem*, n. 5, 2000, p. 13-20.

COPE, P. e SMITH, H. (1997). Cultural context in musical instrument learning. *British Journal of Music Education*, 14, 1997, p. 283-289.

CRUVINEL, Flavia Maria. *O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical*. Universidade Federal de Goiás, 2008. Disponível em: <
<http://www.ufrgs.br/musicalidade/midiateca/praticas-musicais-vocais-e-instrumentais/praticas-instrumentais/o-ensino-coletivo-de-instrumentos-musicais-na-ed-basica/view>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

FOGAÇA, Vilma de Oliveira Silva e FILHO, Wellington Mendes da Silva. Descendo as escadas: relato de experiência em uma atividade de criação musical. In: *XVII Encontro Nacional da Abem*, São Paulo, 2008.

GIULIANNI, Mauro. *Studio per la Chitarra*. Viena: Vienna, 1812.

JANOTTI JR, Jeder. Por uma análise midiática da música popular masiva uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. *Revista da associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2006.

PINTO, Henrique. *Iniciação ao Violão*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1978.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.